

**Tema foi debatido durante o 5º Encontro Nacional de Atuários, no Rio**

O diretor Geral da Terra Brasis, Rodrigo Botti; o superintendente Executivo Técnico da CNseg, Alexandre Leal, e o superintendente de Investimentos da Tokio Marine, Roberto Takatsu

Ao lado de tecnologias como a impressão 3D, o carro elétrico e o uso de bitcoins, a chamada “Insurance Securitization” ou, no Brasil, ILS – Instrumentos Ligados a Seguros, foi indicada pelo Citibank, em 2011, como uma das 10 ferramentas que revolucionariam o mundo. A informação é do diretor Geral da Terra Brasis, Rodrigo Botti, palestrante de um dos painéis do primeiro dia do 5º Encontro Nacional de Atuários, evento integrado à 8ª CONSEGURO. Na tarde desta terça-feira, 19 de setembro, ele explicou: “A prática, que consiste na transferência de riscos ao mercado de capitais, vem transformando a indústria de seguros internacional ao longo dos últimos 20 anos, e tem enorme potencial no Brasil”.

Botti teve como colegas de painel o superintendente de Investimentos da Tokio Marine, Roberto Takatsu, e o superintendente Executivo Técnico da CNseg, Alexandre Leal. Como exemplo prático, o executivo citou a emissão de um título de renda fixa, no começo deste ano, pela Terra Brasis, em parceria com um fundo de investimento internacional. “Em uma operação tradicional, a resseguradora recebe o risco de uma seguradora, retém parte desse risco e passa outra a seus parceiros retrocessionários. Já com o nosso programa de securitização, a parte de maior risco é transferida para o mercado de capitais”, explicou.

Em mercados como os dos Estados Unidos e da Europa, Botti afirma que os riscos mais usuais para esse tipo de prática são os de tempestades e vendavais e, no Japão, o de terremotos. “A grande atratividade para os investidores é a baixa correlação desses eventos com outros ativos financeiros. Catástrofes não são influenciadas pela Bolsa de Valores, pelo preço do óleo ou decisões políticas”, frisou, afirmando ainda que os riscos de seguros chegam a dar melhor retorno que títulos Corporate americanos com o mesmo rating.

No contexto econômico atual, o executivo diz que a queda do diferencial entre os juros do Brasil e dos Estados Unidos tornará investimentos em dólar cada vez mais atraentes, o que pode chamar a atenção dos investidores para o ILS. “Só o que falta para avançarmos ainda mais é a emissão dos títulos de investimentos ocorrer dentro do País, bem como a regulação dessa prática. Esse tema já

está sendo discutindo junto aos órgãos do setor, inclusive foi criada uma subcomissão na Susep para isso, dentro da comissão dedicada ao desenvolvimento do mercado de Resseguros”, contou Botti.

Inicialmente, o foco da transferência de riscos foi na proteção contra catástrofes, mas hoje há espaço para seguros de Responsabilidade Civil de Automóvel, Garantia e Agrícola, entre outros, ainda pouco explorados. “Como investidor, enxergo oportunidades também em Longevidade, segmento no qual as próprias seguradoras de Vida poderiam se tornar importantes players de investimentos. Uma combinação dos dois ativos em seus portfólios poderia impulsionar bastante os mercados de transferência de riscos e Vida”, acrescentou Roberto Takatsi.

Ele também apostava no potencial da tecnologia para os riscos de crédito. “Aqui ainda não há forma de reduzir riscos de seguros de crédito e o ILS seria um caminho”, diagnosticou. Na visão do executivo, considerando-se os juros atuais em torno de 7% e que devem permanecer nesse patamar nos próximos anos, os investidores vão precisar se sofisticar, buscando novos ativos, tal como os securitizáveis.

Takatsi afirmou também que essa prática complementa o mercado de seguros e pode ajudar no aperfeiçoamento do gerenciamento de riscos, tornando-o mais eficiente que no modelo tradicional. “Espero que, na próxima CONSEGURO, já estejamos falando sobre as emissões locais de títulos de investimentos, vamos correr atrás disso”, finalizou.

Após a palestra, o moderador Alexandre Leal afirmou que a Comissão de Investimentos da CNseg, bem como os componentes do painel, estão à disposição dos participantes para aprofundar os debates, tirar dúvidas e ouvir sugestões sobre o tema.

**Fonte:** CNseg, em 19.09.2017.